



ANÁLISE LABORATORIAL DE ALGUNS ASPECTOS PROSÓDICOS EM
PARÁFRASES
(LABORATORIAL ANALYSIS OF SOME PROSODICAL ASPECTS IN
PARAPHRASES)

Kelly Cristiane Henschel P. de CARVALHO (Universidade Estadual Paulista / Assis)

ABSTRACT: This paper consists in a short study of some prosodic features of spoken language paraphrases. This analysis was made in the Computerized Speech Lab of the Department of Linguistics at FCL – Assis/UNESP.

KEYWORDS: Paraphrase; Speech Text; Prosody; Acoustic Phonetics.

0. Introdução

O objetivo deste trabalho é observar alguns aspectos prosódicos das paráfrases - entendida aqui como uma atividade lingüística de reformulação - em textos de língua falada. Tencionamos, portanto, verificar se há, no nível da Prosódia, marcas formais que auxiliam na caracterização da paráfrase. cremos, com Cagliari (1992: 42), que:

“Os aspectos prosódicos da fala não servem para enfeitar a fala, fazem parte da própria essência da linguagem oral. A linguagem oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas.”

Para tanto, utilizamos exemplos de paráfrases contidos num texto conversacional de quarenta minutos de duração, que consta no arquivo sonoro – inquérito 234, bobina 88, informante 281, diálogo entre informante e documentador (DID) – do Projeto NURC/SP, transcrito em Preti & Urbano (1988: 104-119).

Desenvolvemos a análise com o auxílio do Laboratório de Fonética da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Computerized Speech Lab – CSL), que fornece os oscilogramas, espectrogramas, as curvas de entoação e de intensidade, necessários para a realização deste tipo de estudo. Selecionamos, pois, segmentos em “boas condições” (sem interferências e ruídos de fundo) para o desenvolvimento das análises laboratoriais.

Como pressupostos teóricos, seguimos as orientações do grupo do Projeto da Gramática do Português Falado, mais especificamente, do subgrupo “Organização Textual Interativa”.

1. Fundamentação teórica



O texto falado apresenta especificidades que se devem às contingências de sua formulação. A língua falada é marcada pelo contexto conversacional, no qual os interlocutores (face-a-face, ao mesmo tempo e no mesmo espaço) alternam seus papéis de falante e ouvinte e, dessa atividade a “duas vozes”, resulta o texto conversacional, elaborado numa situação de comunicação (contexto situacional); ele é co-produzido dinamicamente e momentaneamente pelos interlocutores. A dialogicidade, no texto falado, manifesta-se na alternância de turnos, troca de papéis, processo de co-autoria (falante e ouvinte participam da construção do ato comunicativo). Segundo Chafe (1985), há na língua falada um maior envolvimento, não apenas com o assunto, mas também entre os interlocutores.

O texto falado, portanto, apresenta marcas lingüísticas de seu planejamento (“andaimés”), enquanto é construído pelos locutores. Nessa modalidade da língua, planejamento e realização são praticamente concomitantes no eixo temporal. A língua falada apresenta, portanto, uma tendência para o discurso “não planejado” – fragmentação / rupturas na construção (Chafe, 1985). Essa “desarticulação” do texto falado, entretanto, não anula seu caráter estruturado, pois há sistematicidade / organicidade na atividade discursiva, reconhecida por regularidades definidoras de estruturas e de seus processamentos. A natureza emergencial do texto falado reflete-se na sua concretude lingüística, através de descontinuidades, que evidenciam, portanto, o processo formulativo. Essas descontinuidades caracterizam o discurso oral dialogado e têm importante papel na sustentação da interação comunicativa.

“A descontinuidade, como o próprio termo já diz, consiste numa interrupção do fluxo formulativo, atribuída, em princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, o que caracteriza, segundo ANTOS (1982: 160) um ‘problema de formulação’.” (Hilgert, 1993: 108)

Dentre esses “problemas” ou descontinuidades próprios da língua falada, podemos destacar: os problemas prospectivos - os processos prototípicos da língua falada, tais como a hesitação e a interrupção; e os problemas retrospectivos – os processos de composição textual propriamente ditos; são eles, os procedimentos de inserção (parêntese) e os procedimentos de reconstrução / reformulação (repetição, correção e paráfrase).

A paráfrase, pois, objeto de estudo deste trabalho, consiste numa estratégia de reformulação na construção do texto conversacional.

“Paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica. Em termos mais simples, a paráfrase retoma, com outras palavras, o sentido de um enunciado anterior. Ela, portanto, supõe sempre um enunciado de origem com o qual está em relação parafrástica.” (Hilgert, 1993: 111)



As variações sintáticas, lexicais e fonéticas do enunciado de origem em relação ao enunciado reformulador é que revelam o caráter reformulador da paráfrase. Essas variações provocam “deslocamentos de sentidos” que impulsionam a progressividade textual.

A distinção, pois, entre paráfrase e correção consiste em que: “a paráfrase mantém com seu enunciado de origem uma relação de **equivalência** semântica, ou seja, ela dele retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos” (Hilgert, 1993: 114). Já na correção, “... a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de **contraste** semântico, uma vez que este anula, total ou parcialmente, a verdade daquele...” (Hilgert, 1993: 114). A repetição, por sua vez, “pode ser considerada como um caso limite de paráfrase, na medida em que manteria com seu enunciado de origem o grau máximo de equivalência semântica” (Hilgert, 1993: 114).

Hilgert (1993, 1996) focaliza e classifica a paráfrase sob três aspectos: distribucional, operacional e semântico.

Sob o aspecto distribucional temos: paráfrases adjacentes, as que seguem imediatamente a matriz; e as não-adjacentes, as que são intercaladas por um segmento textual.

Do ponto de vista operacional, podem ocorrer autoparáfrases, quando o falante parafraseia seu próprio enunciado; e heteroparáfrases, quando o interlocutor parafraseia o enunciado produzido pelo outro.

No nível semântico, a paráfrase é um deslocamento de sentido que se manifesta por dois tipos de movimentos semânticos: a especificação, “...quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do geral para o específico...” (Hilgert, 1996: 134); e a generalização, “...quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase vai do específico para o geral...” (Hilgert, 1996:134).

No nível formal (sintático-lexical), normalmente, a especificação e a generalização traduzem-se, respectivamente, em paráfrases expandidas e condensadas. As paráfrases que mantêm a mesma simetria sintática de suas matrizes são chamadas de paralelas.

As paráfrases expandidas têm a função de definição ou explicitação de termos antes mencionados na matriz. Por vezes, essa função ocorre por meio de exemplificações. As paráfrases condensadas, por sua vez, têm a função de resumo, ao sintetizar as informações da matriz. Assumem também a função de denominação, ao retomar a formulação da matriz por meio de um termo mais abrangente. E, as paráfrases paralelas têm a função de especificar a matriz; algumas também buscam uma adequação vocabular ou uma complementação da matriz. (Hilgert, 1996: 141-142).

2. Análise

A paráfrase, muitas vezes, é precedida por marcadores de reformulação. Estes marcadores anunciam a reformulação por meio de: expressões verbais (ex: “quer dizer...”), paralelismo sintático, ou através de alguma manifestação suprasegmental



(pausa, hesitação, mudança de ritmo na articulação – prolongada ou mais rápida -, a diminuição da altura ou do volume de voz – melodia / intensidade) (Hilgert, 1993: 112).

Observamos, pois, nesta análise, esses aspectos suprasegmentais em paráfrases, com o intuito de apontar em que medida essas marcas influenciam, ou não, na caracterização desse processo de reformulação.

Restringimos nossa análise a exemplos de paráfrases adjacentes e produzidas pelo mesmo interlocutor (autoparáfrases). Seleccionamos paráfrases adjacentes com o intuito de observarmos os aspectos prosódicos na relação matriz – paráfrase. E, a escolha da autoparáfrase se justifica pelo fato de que parece conveniente, neste tipo de análise, considerar, primeiramente, as variações prosódicas que ocorrem “no interior” de uma só voz.

Por falta de espaço, não apresentamos, aqui, as análises espectrográficas realizadas. A seguir temos, pois, apenas os resultados de nossa investigação.

a) pausa/hesitação

Dentre os exemplos de nossa pequena amostragem, observamos que há paráfrases que são precedidas por marcas de pausa e/ou hesitação.

Exemplo: “... quase não vou ao cinema teatro... às vezes eu vou...”
matriz pausa paráfrase

Comprovamos, pela observação das análises espectrográficas extraídas no C.S.L., que há (no momento da pausa) ausência total de sonoridade: não há registro de impulsos glotais; o espectrograma não registra energia acústica; e também não há registro de entoação. Há também queda na linha da intensidade.

b) mudança de ritmo na articulação

A mudança de ritmo na articulação (aceleração / desaceleração) é uma das marcas prosódicas que também caracteriza as paráfrases, especialmente aquelas em que há simetria ou paralelismo sintático, em relação à matriz.

Exemplo: “quase sempre elas vão quase todo domingo”
matriz / paráfrase com aceleração no ritmo

Podemos observar, através das análises espectrográficas, que em alguns casos ocorre uma leve aceleração do ritmo em paráfrases com relação às suas matrizes. Isso se comprova pelo fato de que o tempo (duração) gasto na elocução das paráfrases é menor. No exemplo acima, o tempo total de realização do enunciado é 1,6 segundos, dos quais 0,93 correspondem à realização da matriz e 0,66 à realização da paráfrase. Considerando-se pois, que, nesse exemplo, o número de sílabas da matriz e da paráfrase é igual (ambas têm 7 sílabas), e o tempo de realização da paráfrase é menor em relação à matriz, podemos afirmar que houve aceleração.

c) variação da intensidade (diminuição / aumento do volume da voz)

Há exemplos em nossa amostragem que apresentam também variações consideráveis de intensidade. Essas variações na intensidade correspondem ao aumento



ou à diminuição do volume da voz quando do momento da enunciação da paráfrase. A intensidade na paráfrase foi observada em relação à intensidade na matriz.

Exemplo: “os que... tomam parte os que colaboram...”
matriz / paráfrase com aumento no volume da voz

Exemplo: “um trabalho árduo é uma luta tremenda né?”
matriz / paráfrase com diminuição no volume da voz

A variação de intensidade é comprovada, nas análises espectrográficas, através da direção ascendente / descendente registrada na linha da intensidade.

d) variação melódica (entoação)

A variação melódica é também um aspecto prosódico que podemos considerar como marca característica da paráfrase. De acordo com nossos exemplos, nas paráfrases em que ocorre a simetria sintática (paráfrases que têm a mesma estrutura sintática da matriz), ocorre também a simetria melódica (paráfrases que apresentam o mesmo contorno entonacional da matriz). A simetria sintática é, pois, constatada e reafirmada pela simetria melódica. Temos, então, nesses casos, dois tipos de marcadores de reformulação.

Exemplo: “está caminhando está melhorando...”
matriz / paráfrase

Nesses casos, observamos através das análises espectrográficas que a linha que representa a curva entonacional da matriz é muito semelhante à da paráfrase. Podem ocorrer, é claro, algumas variações melódicas relacionadas à expressividade.

Outro fator importante a ser observado é o seguinte: quando a paráfrase é precedida por pausa, normalmente sua curva melódica inicia com um tom mais alto; quando, porém, isso não acontece, a linha melódica da paráfrase mantém-se no mesmo nível tonal com que termina a matriz.

3. Conclusão

A análise e observação de alguns exemplos de paráfrases extraídos, como já dissemos, de um texto falado do Projeto NURC, permitiu-nos verificar que há, na realização das paráfrases, marcas prosódicas que contribuem claramente para a obtenção dos efeitos lingüísticos próprios dessa estratégia de reformulação.

Dentre as marcas prosódicas que observamos em paráfrases temos, com base em nossos exemplos, a pausa / hesitação; a mudança de ritmo na articulação; e a variação de intensidade e de frequência (altura melódica).

Somos conscientes, entretanto, de que o *corpus* analisado é muito reduzido para podermos tirar conclusões gerais e sistemáticas com relação ao valor comunicativo dos aspectos prosódicos nas paráfrases em textos de língua falada.



Com este simples trabalho, acreditamos ter ao menos iniciado uma pesquisa num território da Linguística ainda tão pouco explorado, que é o da Prosódia nas manifestações parafrásticas da linguagem oral.

RESUMO: Este trabalho consiste num breve estudo sobre alguns aspectos prosódicos de paráfrases na língua falada. Para o desenvolvimento da análise, utilizamos o Laboratório de Fonética / C.S.L. (Computerized Speech Lab) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

PALAVRAS-CHAVE: Paráfrase; Texto Falado; Prosódia; Fonética Acústica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, L.C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado. Vol II: Níveis de análise linguística*. Campinas: UNICAMP, 1992, p.39-64.
- CHAFE, W.L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R., TORRANCE, N., HILDYARD, A. (eds). *Literacy, language and learning: The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p.105-123.
- HILGERT, J.G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, p.103-127.
- _____. As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: Koch, I. V. (Org.). *Gramática do português falado. Vol VI: Desenvolvimentos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, p.131-147.
- JUBRAN, C. C. A. S. Dialogicidade e co-autoria no texto falado. *Confluência (Boletim do Departamento de Linguística)*. Assis: UNESP/FCLA, 1994, p.64-72.
- PRETI, D., URBANO, H. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre informante e documentador*. São Paulo: T. A. Queiroz / FAPESP, 1988, p. 104-119.
- RISSO, M.S. Língua falada – língua escrita: conceitos e preconceitos. *Confluência (Boletim do Departamento de Linguística)*. Assis: UNESP/FCLA, 1994, p.55-63.